

JORNAL DO BRASIL

Indicadores desafiam a crise

Kido Guerra

Se um economista marciano chegassem hoje ao Brasil e decidisse analisar a nossa economia com base nos principais indicadores conjunturais, jamais iria acreditar que o país está convivendo com uma inflação gigantesca que, nos últimos 12 meses, já acumula a taxa de 714,43%, recorde na história do país. E tem mais: acharia no mínimo estranho que, apesar disso, os índices de desemprego estejam diminuindo em relação ao início do ano, enquanto os níveis de consumo, as taxas de crescimento industrial, o superávit externo, o volume das reservas cambiais e a produção agrícola vêm apresentando resultados positivos, inerentes a um país de economia saudável.

A imagem é do economista Antônio Barros de Castro, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que explica esse curioso fenômeno baseado na atipicidade que julga inerente ao Brasil. "As pessoas aprendem a conviver com o mal. Ou seja, a economia brasileira, em muitos aspectos, está adaptada a essa realidade inflacionária, o que, porém, não é positivo", diz.

É inquestionável que, do ponto de vista exclusivamente econômico, o país não anda tão mal. É o que o ministro da Fazenda, Mafson da Nóbrega, chama de "gols do governo". Entre eles, destaca-se o inusitado reaquecimento da produção industrial, que já permite fazer uma revisão das contas oficiais em relação ao crescimento da economia.

Até julho, não havia dúvidas de que o PIB (Produto Interno Bruto) seria, na melhor das hipóteses, zero,

embora previsões mais realistas arriscassem a possibilidade de uma queda do crescimento, o que não se verificava desde a recessão de 1983, quando o PIB caiu 2,83% em relação a 1982.

Hiperinflação — Nos últimos quatro meses, motivado pelo forte impulso dado à produção industrial pela expansão das exportações — que possibilitará ao país fechar o ano com um superávit comercial superior a US\$ 18 bilhões — e com a perspectiva de novo recorde na produção agrícola, o governo refez suas contas e já acena com uma taxa de crescimento de 2% do PIB em 88. É pouco, se comparado às expansões de 1985 e 1986 (respectivamente, 8,38% e 8,04%) mas, para aquele marciano, essa recuperação não deixa de ser espantosa.

No entanto, para o economista Edmar Bacha, professor da PUC/Rio e ex-presidente do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), "esse reaquecimento é um fenômeno que já se verificou em países à beira da hiperinflação. Não é inusitado." Seu colega de faculdade, Gustavo Franco, especialista em hiperinflação, concorda e alerta: "Os superávits altos e o reaquecimento da economia ocorreram na Alemanha, às vésperas da hiperinflação, quando as pessoas deixaram de acreditar na moeda nacional e partiram para a compra de bens duráveis e dólares, o que também não deixa de ser um bom estímulo às vendas externas."

A recuperação da produção industrial é marcante na categoria dos Bens de Consumo Duráveis — como automóveis e eletrodomésticos —, que em julho tiveram uma expansão de 25,7% e em agosto, de 25,1%, contra acentuadas quedas de 17,3% em janeiro,

16,5%, em fevereiro e 10,6%, em abril.

Pode ser um indício do que Gustavo Franco qualifica de um "sintoma claro" de que o consumo aumenta, porque as pessoas físicas receiam manter o dinheiro aplicado no over ou em cadernetas de poupança, e preferem se garantir através da aquisição de bens, cuja deterioração é bem mais lenta que a do dinheiro. Isso, sem dúvida, provoca reflexo positivo nos níveis de atividade e pode explicar, num ângulo, a reativação da economia.

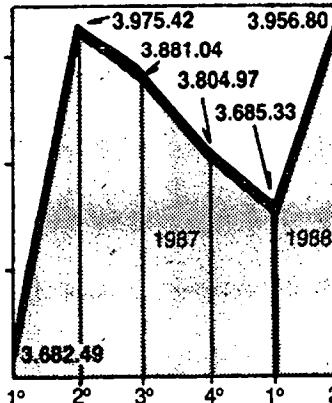
Impulso — Até quando esse crescimento pode ser mantido é uma dúvida. Antônio Barros de Castro lembra que, a exemplo do que ocorreu em 1984, quando a economia começou a sair da recessão iniciada três anos antes, foram as exportações as responsáveis pelo impulso inicial ao reaquecimento econômico, vindo, em seguida, a expansão do mercado interno. Segundo ele, a história está se repetindo, mas com uma diferença: a ampliação dos níveis de atividades exige uma posterior ampliação da capacidade de produção, que, segundo ele, seria necessária ao seguimento normal do desenvolvimento.

Essa terceira etapa, porém, depende fundamentalmente de uma ampla recuperação das taxas de investimento, o que pode ser inviável no momento atual, devido ao altíssimo grau de incerteza na economia. Aí, as altas taxas de inflação podem, efetivamente, inibir a continuidade do crescimento, devido às indefinições em relação ao futuro. "Se as expectativas estão abafadas e perturbadas, o investimento não decola", sentencia Barros de Castro.

Gráficos Ari Aragão

PIB Trimestral

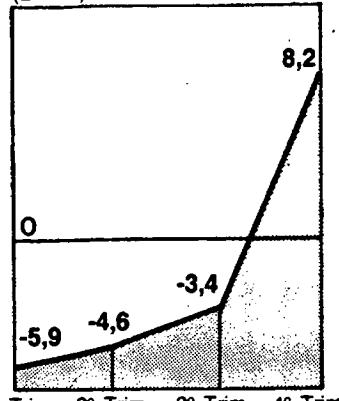
Preços constantes
de 1980
Cz milhões



Fonte: INPES/IPEA

Taxa de Investimento

(Em relação a iguais)
periódicos de 1987
(Em %)



Fonte: IBGE/CACEX